ANNO I — Ovar, 18 de Agosto de 1910 — NUMERO 49

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao "Regenerador Liberal„ — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) . . . . . 1$000 reis
Com estampilha (anno) . . 1$200 »
Brazil e Colonias . . . . . 1$500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Annuncios e communicados, 20 reis; repetições 10 reis. Annuncios permanentes, contracto especial.
Redacção e Administração
Largo de S. Miguel—OVAR

Casamentos... politicos

E' uma honra, uma subida honra ter nome nas assembleias da republicana gente, que *bota espeech* na impagavel ehorrivel «Patria» vareira. Sente-se logo aquelle que isso logra dignificado; podem crêr, dignificado. E' mesmo uma coisa assim á laia de milagre, por mais que a «Patria» d'isso descreia. Parece milagre. Mas para dois fins diversos costuma a «Patria» dignificar os nomes que cita. Para os louvar, exemplo: o Buissa, o Petiz das gravatas, o Tlim, etc., ou para os deprimir e insultar .. se pudér, como por exemplo... os seus adversarios.

A nós dignifica-nos, isto é, citanos a «Patria», segundo nos dizem, porque a não lemos para contar aos seus leitores o escandalo de nos... acharmos ligados ao «Jornal d'Ovar». Isso, essa descoberta é effeito da supina esperteza da «Patria». Esperta como um alho. Olé.

Mas supponhamos, que nós iamos agora na esteira das ideias do «Jornal» ou ella na das nossas. Que de extraordinario veria n'isso a «Patria»? Somos monarchico, terçamos armas pela conservação da monarchia. O «Jornal d'Ovar» não peleja tambem por causa diversa. O seu fim deve ser velar pela ideia monarchica, por entender como nós, que pela monarchia hade hoje batalhar todo o homem de bem, todo o bom patriota.

O nosso escopo é portanto commum, embora nos tenhamos mutuamente para o conseguir servido de meios diversos. Que de espantoso, se agora nos entendessemos sobre a escolha d'esses meios para o almejado fim, em que sempre fômos concordes?

O que espanta, porém, o que revolta pela hypocrisia que revela, pela indignidade flagrante de quem tal commette, é a união de republicanos com monarchicos. O que?!... Isto é a suprema das abjecções! Pois como podem republicanos fazer causa commum com monarchicos? Como podem elles auxiliar os negocios da patria para prestigio da dynastia, que desejam extirpar como coisa intrinsecamente má? Como? se não trahindo o seu ideal, enganando os seus correligionarios, burlando um partido inteiro onde ha com certeza alguma, pouca, gente séria e de boa fé?

E essa indignidade seria ainda mais espessa, essa hypocrisia mais indigna, se n'isto póde haver graus, mais abjecta, se os republicanos se unissem aos monarchicos para com palavras d'uma brandura perfida, com o proposito expresso de os auxiliarem, traçassem assim, traiçoeiramente a sua ruina, a sua destruição.

Em todo o caso sempre espantosa, sempre abjecta, sempre indigna de bons caracteres a juncção de republicanos com monarchicos em politica.

Ora é isso precisamente o que hoje se dá em Portugal. Os republicanos são unha e carne com o governo; estão ligados por pactos secretos n'uma colligação monstruosa que indigna toda a gente séria e honrada. O governo trata-os como correligionarios dedicados, distribuindo-lhes postas, nomeando-os para logares de confiança. Colloca-os á frente da auctoridade em muitos concelhos por esse paiz fóra. Por sua vez os republicanos adulam-n'o, lambem-lhe o sapato brochado de transmontano, trazem-no nas palmas, que só põem no chão para erguer os cascos quando se senta nas cadeiras do poder algum governo patriotico. Os republicanos e o governo internessem-se mutuamente com gaudio da dissidencia que é o traço d'união entre os dois.

Esta affronta ao paiz monarchico dá-se hoje em Portugal e ninguem se espanta! Só se espanta a «Patria» que nós os combatamos, nós os monarchicos de todas as facções, ligados n'um protesto de puro amor patrio. Espanta-se de que os nossos votos se unam na eleição da élite intellectual, que nos ha de representar em côrtes. Espanta-se de que nós os monarchicos de todos os matizes nos unamos á bôcca da urna para bem da monarchia, isto é, da nação. Somos monarchicos. Combatemos de commum accordo pela monarchia. Aqui não ha traições, não ha transigencias indignas, não ha hypocrisias abjectas.

Se nos perguntarem por quem nos unimos diremos que pelo nosso ideal: a monarchia e a patria. Os republicanos já assim não podem responder. Se lhe perguntarem por quem se unem ao governo, hão de tergiversar na resposta, que não poderá deixar de ser uma mentira mais transparente que o crystal.

Pesadêlo governamental

O periodo eleitoral aproxima-se, e a sua presença longe de dar ao governo dias felizes, e socegados (o que era de esperar, visto a maneira altaneira e orgulhosa com que se apresentava, como sendo um partido organisado sob bases fortes e seguras, um partido elevado aos conselhos da corôa pela opinião publica com o que enchia a bocca) dão-lhe pelo contrario, e pela simplissima razão de ser um partido reduzido e moralmente perdido no conceito da população sensata e justa, muitos amargosos bocados e uma constante inquietação que dia a dia mais acentuadamente se vem manifestando na sua imprensa; ainda ha bem pouco tempo, e hoje mesmo, arrogante, atirando aos quatro ventos basofias fôfas, d'um partido que diz ter ao seu lado toda a opinião publica, e a maior força eleitoral que jámais se viu.

No entanto o terror avassalou por completo o partido representado pelo Snr. Teixeira de Sousa, e isso bem o demonstram as violencias e arbitrariedades a que temos assistido n'estes poucos dias já, em que Sua Ex.ª tem pisado o palco governativo.

E senão vejamos as nomeações escandalosas, as transferencias arbitrarias, as demissões e repressões a que sugeita os funccionarios publicos, as promessas de centenas de contos de reis que não pode satisfazer, e que são outras tantas monstruosas elegalidades de que indubitavelmente Sua Ex.ª terá a maxima responsabilidade, e que em altura competente lhe será exigida.

De todos estes atropelos serão pedidas severas contas aos delinquintes segundo affirmam d'uma maneira positiva e clara os jornaes dos partidos que formam a colligação.

A força eleitoral do bloco d'uma grandeza que o Snr. Teixeira de Sousa parece não querer admittir, ha de provar d'uma maneira assombrosa a sua enorme e formidavel votação no proximo dia 28 do corrente.

Não lhe poderão valer as violencias, as perseguições, as ameaças e os demais processos que o governo vem dia a dia promettendo para coartar o direito legitimo do voto individual porque ha independencia sufficiente para n'esse dia mostrar a facção politica representada no poder, que á força e á bordoada, já não é processo para legitimamente n'um direito que a todos assiste votarem em quem muito bem entenderem; e nesse dia veremos o governo recuar aterrorisado para fugir a uma derrota formidavel, que será a sua morte certa e inevitavel o que jámais terá acontecido e virá registado nos annaes da historia politica do nosso paiz.

E nem outra solução é de esperar.

O terror governamental é tão manifestamente provado que já dão por barato que o bloco eleitoral traga ao parlamento uma continha calada de deputados que Sua Ex.ª não poderá sonegar-lhe, (muito embora para isso tenha feito e faça as maiores diligencias até hoje cahida por base e sem resultado, antes pelo contrario com as suas violencias, parece andar a favorecer o bloco) contentando-se o Snr. Teixeira de Sousa apenas, (que vergonhosa expectativa) de trazer 8, 6 ou 4 deputados de maioria, o que é sem duvida alguma uma crassa vergonha para um partido que diz ser numeroso e invencivel.

E não julguem os nossos leitores que são hypotheses que nós formulamos; não, são os proprios jornaes governamentaes que conscios d'uma derrota eleitoral o dizem transidos de terror e receio que elles reconhecem ser bem fundado.

Chega mesmo a inspirar commiseração o estado em que se encontra a imprensa governativa, e tão conscientes estão d'uma queda desastrosa que será a sua morte, que ainda agarrados á barcassa governativa lançam já ataques formidaveis ao governo que lhes succeda, que ainda se não sabe quem seja e que tantos suores frios lhes estão a inspirar.

E' ou não caso para haver uma tanta ou quanta commiseração para o seu estado desolado e verdadeiramente fallido?

Pois se o bloco nada vale, não tem prestigio, não tem força, não tem eleitores sufficientes para eleger 10 ou 15 deputados como arrogantemente affirmam; para que é tanto terror, tanta perseginção, tanta violencia e tanta promessa, que são a prova clara e evidente d'uma absoluta falta de forças, e de um não menos absoluto e incorrecto procedimento por parte do governo?

Isto são nem mais nem menos do que o resultado dos accordos e promessas feitas por ahi publicamente com os inimigos das instituições, e por essa razão não tem o Snr. Teixeira de Sousa que extranhar, que, n'um grupo só se reunam todos os sinceros e devotados monarchicos, para lhe dar batalha encarniçada, e fazer valer os seus direitos de monarchicos sinceros e leaes á patria e ao Rei.

No dia 28 do corrente saberá então o governo quaes as consequencias desastrosas que lhe estão preparadas, e que certamente a Sua Ex.ª não são já desconhecidas de todo.

Pena é que essas vergonhas tão publicamente se vão mostrar no dia 28 do corrente e o governo as não evite.

São fados que se têm de cumprir.

Pombal.

J. d'A. Pessôa.

EXPEDIENTE

Avisamos os nossos presados assignantes de que vamos proceder á cobrança do 2.º semestre.

Esperamos que a sua boa vontade em nos auxiliarem nesta lide pelo bem d'uma terra tão carecida de energias e abnegações que a engrandeçam como merece, d'um paiz tão abatido pelo banditismo politico sem escrupulo nem brios, esperamos de todos, repetimos, que a sua boa vontade de nos auxiliarem evitará a devolução dos recibos e que nos sobrecarreguem novas despesas de segundo aviso.

Desde já nos confessamos muito obrigados.

---

(20) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS DO

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

E, immediatamente, arrebatando a canastra das mãos da irmã, Clara correu a collocar-se no caminho do velho conego, quando este proseguia no seu feirado.

— Muito bons dias, meu padrinho, deite-me as suas bençãos.

— Tu por aqui, Clarita? Deus te abençôe, rapariga. Então que fazes tu?

— Sou muito pouco afortunada, meu padrinho. Sabe?

— Sim, pequena? Então por quê? Não encontraste noivo ainda?

— Ora! Está a brincar. Não é isso.

— Então?

— Trago á feira uma canastra cheia de fructa, e ainda não encontrei compradores.

— E o defeito é da fructa, ou de quem a vende?

— Ha de ser de quem a vende, que lá a fructa... essa boa é.

— Boa, sim; mas cara...

— Ora essa! meu padrinho. Nós cá não somos mais do que as outras. Vendemos pelo mesmo preço que ellas vendem.

— Ora deixa cá vêr a fructa. Então quanto queres tu por isso? Um dinheirão.

Este exame era simplesmente por formalidade, pois o conego tinha resolvido, de si para si, ser o feirante de toda a fructa, embora fosse dura como pedra, e cara como açafrão.

— Se fôr para o meu padrinho, o que quizer—respondeu Clara.

— Está bom. Não é má de todo. Passa-m'a ahi para a canastra do criado, emquanto eu faço contas.

E, ao passo que a afilhada cumpria a ordem recebida, elle mexia e remexia nos bolsos do collete, d'onde tirou não sei que moeda em ouro, que quadruplicava o preço da fructa, e passou-a para as mãos de Clara, dizendo:

— Ahi tens; o que crescer é para um lenço.

— Então muito obrigada, meu padrinho. E deite-me as suas bençãos.

— Vae com Deus, rapariga, e faze visitas á tua gente — respondeu o conego, dando-lhe a mão a beijar.

Clara voltou a correr para junto de Margarida, bradando-lhe:

— Vê, vê, não te afflijas. Fructa vendida, e uns crescimos para tremoços.

Margarida agradeceu-lhe com um olhar, orvalhado de lagrimas de gratidão.

Assim continuou este viver por muitos annos mais, até que a mãe de Clara adoeceu. Durante a molestia, foi Margarida desvelada e incansavel enfermeira, colhendo sempre, em paga dos seus carinhos, modos rudes e asperos, expressões inequivocas da aversão que nunca deixára de sentir por ella. A heroica rapariga não afrouxava por isso na affectuosa caridade com que a tratava.

A doença aggravou-se, e a morte foi declarada inevitavel.

N'este momento solemne, como que se abrandou o coração e fallou a consciencia da moribunda, mostrando-lhe a injustiça do seu procedimento para com Margarida.

A' hora da morte chamou-a junto de si, e, apertando-lhe as mãos, disse-lhe entre soluços:

— Guida,—pela primeira vez lhe deu este nome affectuoso — perdôa-me! Deus alumiou-me o espirito. Só agora conheço a minha maldade e as tuas virtudes. Perdôa-me, minha filha, e sê generosa até ao fim. Clara fica só, é ainda muito creança. Lembra-te que ella é tua irmã, aconselha-a, e estima a, olha-me por ella. Perdôa-lhe o ser filha de.. tua madrasta.

Foram as derradeiras palavras que disse.

Margarida caiu, suffocada de chôro, junto do leito da morta. Não lhe restava no coração a menor sombra de resentimento contra aquella que a fizera tão infeliz. Eram sinceras, como poucas, as lagrimas d'esta orphã.

Passado tempo, sentiu que um braço a levantava. Voltou-se: era o reitor que olhava para ella commovido.

— Muito bem, Guida, muito bem! — exclamou o velho com enthusiasmo. Essas lagrimas são generosas, são verdadeiras joias da tua boa alma. Ellas devem ser de grande allivio para a d'aquella, cujo maior peccado n'este mundo foi o muito que te fez padecer.

E d'ahi por diante ficou o reitor tendo em subido conceito a Margarida.

IX

Depois da morte da madrasta, a sorte de Margarida tomou uma feição mais favoravel.

Vivendo na companhia da irmã, nunca mais teve de supportar aquellas humiliações continuadas, que a faziam córar.

Antes, no modo por que era tratada em casa, parecia ser ella a senhora de tudo, e Clara a que recebia o beneficio; contra estas appa-

AGUILHADAS

Cerveja governamental

O *Mundo* do França, a gazeta do distincto Borges da Margarida, fazendo a reportagem republicana do comicio republicano representado ha dias em Salvaterra diz assim:

«O sr. Ignacio Rebello Andrade, administrador, convida os oradores a tomarem cerveja em sua casa, pois conta entre elles alguns amigos. O convite é acceite e, após curta demora em casa d'este senhor, seguiram em automoveis para Coruche».

Vão os republicanos a Salvaterra dar marmeleiro na monarchia e fazer propaganda eleitoral a favor do... governo, e o sr. administrador offerece-lhes cerveja que nos vae sair pela torneira dos addiantamentos! Se fosse a Ovar que os republicanos viessem discursar o que lhe daria o nosso administrador?

Cerveja de pipa no alto do Picôto, quem sabe!

A "Patria„ arreliada e .. malcreada

Disseram-nos, porque não lemos, e não lemos desde que reconhecemos a insensibilidade lombar da *Patarata*, que esta não gostára da excursão organisada pelo *Regenerador Liberal* a Coimbra. Os gostos são relativos. Pois nós gostámos da excursão projectada a Braga pelos casacas da *Patria* e companhia... hybrida.

Quem ganhava era a Misericordia... e isso era motivo sufficiente para não desgostarmos.

Quanto á importancia que deu ao *carro-reclamo* e ao outro carro fechado que o acompanhava, isso não tem importancia alguma desde que a liberdade, como deve querer a *Patria*, não é um funil. Que o reconhecido irresponsavel da *patarata*, de cujo *desmiolo* saiu a prosa cachetica da *parelha* e que tem vindo compromettendo a ideia republicana em Ovar, ande de pé ou a cavallo no rabo d'uma vassoura; que ande em cima d'um caleche de bigodes fartos e panamá conquistador ou encaixado nos varaes d'uma carripana a morder o pó das estradas, com isso nada temos.

O que devemos ter é vergonha de dar importancia d'uma aguilhadella a um desiquilibrado mental que não tem bem estabelecida a corrente entre o cerebro e a lingua e entre a lingua e o bico da sua penna cheia de graça.

Duches, e banhos d'agua fria por essa cabeça abaixo, sr. auctor da *parelha*, é o que precisa.

Beneficencia escolar

Recebemos do sr. Dr. Pedro Chaves uma carta sobre os casos e factos dados no theatro por occasião da festa escolar. Pela nossa parte dissemos da nossa justiça. Se intende aquelle sr. dever pedir satisfações ás pessoas melindradas, que o faça como intender.

Os factos deram-se e nós fomos echo d'elles. Foi o nosso dever. Não publicamos a carta por termos abundancia de original.

DE CAVACO

—Até que em fim, meu diabo, sempre vieste, sempre chegaste, sempre te encontrei. Tens feito uma falta tremenda, homem. Tenho passado uma vida de frade trapista desde que, com a tua saida para as Aguas, me prendeste a taramella. Conta-me lá isso, homem. Dize das tuas impressões! Anda.

—Que impressões queres que te dê. Passeei, vi, gosei, ri, comi e bebi e paguei, paguei, paguei sempre por toda a parte. Quem anda em passeio não declina, a todos os instantes, senão o verbo pagar.

—Nesse caso todos os portuguezes andam em passeio, porque não conjugamos outro verbo senão o verbo pagar. Pagamos, pagamos pagamos sempre ao governo e aos ladrões do governo, a agua que se bebe na fonte e no vinho, a roupa que nos veste, o ar que respiramos nesta patria infeliz; que até para nascer é preciso ter sorte. Se nascessemos na Allemanha, na Inglaterra, na Suissa, no Japão, mesmo, talvez não tivessemos de pagar tanto nem a divida publica, relativamente, seria tão grande como a nossa.

—Mas olha lá. Hoje estás um pouco pesado, pesadote, nas tuas impressões politicas.

—Pois se te parece. Numa terra de malfeitores, de intriguistas, de comedores, de ladrões, de judas perfidos que se vendem e vendem a patria por um pataco falso, não se póde olhar para tudo isso senão de lagrima ao canto do olho.

—Pois eu venho radiante; gastei, lá isso é verdade; mas vi, gosei, apreciei, admirei.

—Então por onde andaste?

—Fui a *Pedras Salgadas*, passei lá uns dias. E' bonito. O comboio da Regua-Vidago é bom; a paysagem é variada e bonita, cortada de montes, precipicios, pinheiraes e campos. Mas a via ferrea é direita como uma linha num bolso. A gente anda com a cabeça ás voltas...

—Estiveste em Vidago?

—Algum tempo. Aquillo é uma babylonia. Vestidos de seda, chapeus--sombrinha, chapeus--caçoila, chapeus-açafate, chapeus-derrubados, chapeus-arrebitados; botinhas de lona branca e tacão alto, braços de esmalte, sem pó d'arroz; olhos pretos, olhos garços, olhos castanhos, olhos azues, olhos sombrios, olhos risonhos a esmaltarem o vertice de narizes variados, rombudos, aguçados, chatos ou de papagaio; labios descorados de poetisas sonhadoras, labios febris de mulheres ardentes; tudo isto, como uma onda desabrida, formava a grande colonia feminina de Vidago. Atraz d'esta onda da contradição social, caía o olhar sombrio ou lubrico da besta humana, divorciada do trabalho, que se chama o homem civilisado. Este divinisa a trindade augusta da sua religião: o dinheiro, o ventre e o prazer.

—Cáspité. Falavas do meu estado macambusio e pesado, e tu saisteme um Epicteto de trez assobios.

—Qual Epicteto, qual carapuça. E' isto, homem. O mundo é assim.

—E' tarde, temos estado para aqui a palestrar sobre cousas amorphas e... de eleições nada. Quando te ouvi fallar em Pedras e Vidago, esperava que trouxesses á baila o medico das Pedras e o homem do Hotel de Vidago; e tu, moita.

—Olha, sobre isso muito tenho que contar-te. Disseram-me d'esse Teixeira dos addiantamentos, mesmo nas barbas de Vidago, coisas do arco da Velha.

—Então para a semana has-de despejar tudo cá para fóra.

—Sim, para a semana ou quando quizeres.

—Mas afinal votas no Teixeira de Souza, no governo, no administrador d'Ovar, ou em algum grupo da colligação monarchica?

—No administrador? Essa é boa. Se eu fosse teixeirista devia perguntar quem era o chefe do partido do Teixeira cá em Ovar. O administrador, alem de não ter voto em materia... eleitoral serve simplesmente para respeitar e fazer respeitar a auctoridade e mais nada.

—E para dar ordens aos soldados que vierem *ganhar as eleições* ao nosso concelho...

—Lá isso é verdade; o peor é o resto.

—Deitar no governo é effectivamente deitar nos republicanos. Deitar nos republicanos é deitar no Bernardino *presidente* da Republica portugueza.

—Ou no Teixeira de Sousa, Escariotes d'el-rei D. Manoel, futuro presidente da republica lusa e *futurissimo* negociador das colonias portuguezas com a Inglaterra ou Allemanha.

—Tudo póde ser.

—Lá isso póde. Até pode ser tambem que os soldados do 24 do Faz Poeira tenham mais força eleitoral em Ovar que os proprios vareiros!

Consorcio

Ha dias realisou-se em S. Vicente de Pereira, Ovar, o casamento do nosso bom amigo Antonio Serafim d'Oliveira, com a menina D. Palmira da Fonseca e Pinho, dilecta irmã do Rev.mo Padre Fonseca e Pinho. Vindo ha pouco do Rio de Janeiro, onde residiu longo tempo e onde possue ainda casa de negocio, para lá voltará em breves mezes o sr. Serafim, acompanhado de sua esposa.

Ao noivo, que tão bellas qualidades de caracter e illustração possue e á gentil menina D. Palmira, desejamos-lhe um futuro auspicioso e uma lua de mel sem fim.

O Lactario

Já ha tempos aventamos a ideia da implantação d'um *Lactario* n'esta villa principalmente na epocha dos trabalhos na costa do Furadouro e cultivo das terras.

O fundador da Misericordia em Ovar, o fallecido e benemerito Dr. Francisco Baptista Zagallo, acolheu logo com todo o carinho e sympathia a nossa ideia Enviou-nos por essa occasião a força da sua vontade, promettendo-nos auxiliar n'esta obra.

Hoje, desastradamente para o futuro da nossa terra, não pertence já ao numero dos vivos aquelle illustre filho d'Ovar.

No entanto lá vamos hoje apresentar ao coração dos nossos patricios a fundação d'um *lactario* n'esta villa.

Para principio d'essa obra de beneficencia temos em nosso poder o saldo de 14$625 reis que resultou da excursão que promovemos a Coimbra no dia 7 de corrente e do Bôdo da Paschoa.

E' pequena, é pequenina, a quantia de 14$625 reis, que temos em nosso poder para dar principio á obra do *Lactario*.

Ainda não temos casa idonea para isso.

Esperamos, para breve, poder dar noticia da rua e do edificio destinado ao *Lactario*.

Para esse fim projectámos fazer um bazar, cujo dia não podemos marcar por emquanto; desde já pedimos a todas as pessoas caridosas o favor de nos auxiliar com qualquer donativo, por pequeno que seja, quer em dinheiro quer em roupinhas, berços e outros objectos destinados á infancia.

Sobre a maneira de funccionar o *Lactario* fallaremos no n.º seguinte.

Os nomes das pessoas subscriptoras sairão no nosso jornal, por inteiro ou sob o pseudonimato, quer essas esmolas sejam pecuniárias ou em objectos, berços ou roupas.

Subscripção

Da Excursão a Coimbra	14$200
Resto do Bodo dado aos Pobres na Paschoa	425

Nota: Todos os donativos, bercinhos, roupas, etc., poderão ser entregues em casa do sr. Antonio Augusto d'Abreu, á Rua do Seixal.

«Flôr do Tamega»

Temos recebido este nosso distincto collega, que se publica em Amarante, sob a direcção do ex.mo snr. Barreto Sacchetti, vulto importante do partido Regenerador Liberal. Agradecemos. Agora veiu-nos o seu supplemento ao n.º 1234 com o discurso do snr. conselheiro Martins de Carvalho pronunciado no centro do 1.º bairro de Lisboa no dia 3 do corrente. Foi um optimo serviço o que o nosso presado collega acaba de prestar ao partido e á patria e uma homenagem merecida ao auctor.

Chronica theatral

Roupas finas em corpos grossos não ficam bem. Era o que pensavamos no sabbado ao vermos pisar o nosso minusculo palco a figura magistral de Pato Moniz encartada no rei do theatro londrino *Kean* em quem dumas encarnára toda a bohemia dos saltimbancos de Schakespeare, toda a violencia de Hamlet, toda a grandeza dos heroes de Carlile.

Dumas no *Kean* traduz toda a verdade crua da vida theatral com os fulgores da gloria d'ouropel e com as attribulações mesquinhas que torturam o talento, em lucta aberta com a desgraça e com a miseria.

Pato Moniz é um artista quasi consummado. Tem tamancas para chegar ao talão dos Rosas e Brazão; é questão de tempo e gosto.

Maria Falcão, no *Kean*, encarnou devidamente o papel da mulher apaixonada e resignada que trazia crystalisada no coração a imagem do grande actor londrino. Adelia Pereira, no papel diplomatico que desempenhou, como mulher, perante a *corte* que lhe fazia o Principe de Galles, andou com a maxima naturalidade.

Pena foi que a galeria estivesse á lareira ou na taberna e que os camarotes, no sabbado, ficassem deante do espelho a deitar o pó d'arroz para dar o passeio no domingo a casa das Donas Fulanas e das Donas Cicranas.

No dominga felizmente não se deu o mesmo. Os camarotes cheios. O gallinheiro nu, a principio; a meio das *Rosas de todo o anno* o compadre e meia duzia de companheiros vieram prehencher a lacuna discordante.

Julio Dantas nesta soberba joia litteraria, *Flores de todo o anno*, traduz o coração humano, com aquella fidalguia e sentimento que na *Ceia dos Cardeaes* se vê. Adelia Pereira, no papel de freira, é exemplar de verdade e sentimento. O coração humano revela-se ali com toda a grandeza e verdade. A chamma do amor continua a arder debaixo do habito negro de religiosa e a imagem do homem amado debaixo da imagem de Christo, não traduz a hyoocrisia, revela a dor e a saudade do passado abafada no compungir acervo do presente. Julio Dantas é um mestre e os interpretes do escripor são verdadeiros artistas.

Nos vinte dias á sombra, fina ironia á vida pagã de Paris no tempo actual e á leveza d'espirito da França, entremeada de lances criticos e picarescos, Pato Moniz é egualado, senão mesmo ultrapassado, por João Gil (Tronille) que entretem a gargalhada entre toda a assistencia. João Gil, vendedor de jornaes nas ruas da Babylonia moderna, encarna-se em casa do Conde de Merville, conquista a sympathia de todos, excepto do proprio conde, e já velhinho, é olhado com carinho por toda a familia. O papel de bebedo que desempenha saiu com mestria e natu-

---

rencias só a sua modestia protestava.

Clara possuia um coração excellente, mas faltava-lhe cabeça para superintender nos negocios da casa; por isso pedira a Margarida que os gerisse ella e lhe deixasse ir gosando a appetecida liberdade dos seus dezoito annos.

O parocho, que ficára tutor das duas orphãs, sanccionou e dirigiu com os seus conselhos esta disposição de coisas.

Mas um tal systema de viver não podia bastar por muito tempo a Margarida. Havia no caracter d'esta rapariga um fundo de dignidade pessoal que lhe não deixava aceitar a vida placida, que cordealmente a irmã lhe talhára.

Habituára-se muito cêdo ao trabalho e com elle contava.

— Se o desprézo agora — dizia ella a si mesma, pensando n'isto — quem sabe se um dia, ao procural-o, elle me fugirá?

Sentia-se joven, com forças e coragem; envergonhava-se da ociosidade. Entre os projectos, que formou então, um lhe sorria sempre mais que todos.

Margarida tinha uma educação pouco vulgar para a sua condição. Varias circumstancias haviam gradualmente concorrido para lh'a aperfeiçoar. Daniel fôra, como sabemos, o seu primeiro mestre, e, quando outra razão não houvesse, as saudades que a vista e a leitura dos livros ainda lhe causavam, lembrando-lhe aquelle tempo, leval-a-hiam a procural-os com prazer. Seguira-se a Daniel o reitor, conforme ao que promettera ao discipulo. Vendo o padre a inclinação da sua pupilla para a leitura, fazia-lhe, de quando em quando, alguns presentes de livros, depois de os passar pela critica dos seus rigidos principios moraes, e julgal-os salutares. Margarida lia-os com ardor, e, pouco a pouco, costumou-se a lel-os com reflexão tambem. Não sendo muito abundantes as bibliothecas da terra, era obrigada a reler, mais do que uma vez, os mesmos livros — o que é sempre uma vantagem para a instrucção colhida n'elles.

Além do interesse crescente que ia encontrando na leitura, um motivo mais occulto lhe alimentava esse ardor — motivo que ella propria quasi ignorava, ou pelo menos não dizia a si. — Como que d'esta fórma se aproximava de Daniel. Das duas intelligencias de creança, que se tinham visto a par, como duas aves que brincam na relva, uma levantára vôo e subira; que admirava que a outra, saudosa, ensaiasse as forças para a acompanhar? para, ao menos, a não perder de vista de todo? Ha d'estes motivos occultos das nossas acções, que passam desconhecidos.

O que é certo é que a sêde de saber devorava Margarida. O habito da meditação, que adquirira, permittia á sua intelligencia tirar grandes riquezas da pequena mina em que trabalhava.

Um acontecimento favoreceu ainda estas tendencias.

Um dia, acolheu-se á aldeia, a viver vida de privações e de miseria, um d'estes desgraçados, a quem as ondas do mundo arrojam naufragos e quebrantados á praia. Era um homem, que, saindo creança ainda, d'aquella mesma aldeia, entrára, sob os sorrisos da sorte, na vida das cidades. A instrucção, a riqueza, as honras, tudo o rodeiára do prestigio que parece assegurar a felicidade. Se elle a sentiu então, não o sei eu; — um dia, porém, como o Job da Escriptura, viu a mão da desgraça baixar sobre a sua cabeça, prival-o das riquezas, da dignidade e da familia, e deixal-o só; só, ao declinar da vida, só, quando já não ha no coração fogo para alimentar esperanças; vigor no braço para arrotear caminhos novos!

Este homem sacudiu então a poeira dos seus sapatos á porta das cidades, onde sonhára meio seculo, e veio, tendo por unico arrimo a consciencia, procurar o tecto que, nú, o abrigára na infancia e quasi o recebia na velhice, como de la saíra, — tecto que nem já era seu.

E' uma historia vulgar a d'este homem. Insistir n'ella seria contar ao leitor coisas sabidas.

A quem reservará a sorte o privilegio de ignorar uma historia assim?

Era, pois, um desgraçado. Isto bastava para que, ao seu lado, visse, olhando-o compadecido, o rosto de Margarida, e, animando-o, os sorrisos de Clara.

O infortunio chamou, para junto do leito de miseria d'este velho desanimado, estas duas mulheres. Ao lado de todas as cruzes apparecem d'estes vultos compassivos.

Com que havia de recompensar a devoção heroica de duas juventudes á velhice empobrecida, quem nada tinha que dar?

Não lhe exigiam ellas a recompensa, é certo; mas pedia-lh'a a alma.

Dos amigos, que tivera, só lhe restavam quatro; e esses lhe valeram. Eram quatro livros...

Talvez os leitores já estivessem imaginando que este homem trouxera ainda quatro amigos para a adversidade, sem serem livros. Custa-me desenganal-os; mas não trouxe.

Foi n'estes livros que Margarida encontrou novos alimentos para a

ralidade. João Gil deve ser um mestre e um mestre quasi completo.

Foi uma casa cheia no domingo. A bagagem da Tournée-Falcão é selectissima e primorosa. Ovar neste dia comprehendeu o seu dever e encheu o theatro.

Na segunda feira Marcelino Mesquita, com o seu *Envelhecer* despertou geral interesse, evocou commoções extranhas a todos os espectadores, denunciou dores occultas no coração humano.

Não foi Marcelino de Mesquita, foram os seus interpretes. Esta peça do *Envelhecer* tem lances tão subtis no estudo e observação da alma humana, affeições tão delicadas que a convivencia prolongada radica dia a dia no coração das pessoas amigas, que se torna difficil comprehendel-a e sentil-a a dois terços da assistencia, pelo menos.

Quem pode comprehender o desfecho do ultimo acto de *Envelhecer*, se a honra de *Eduardo de Mello* é uma virtude e se o amor de *Luiza Martins* é uma gratidão filial devida aos carinhos e cabellos brancos do amigo de seu pae? Quem deu ao nosso povo a educação necessaria para comprehender o *crime de adulterio de ideias* de que falla Marcelino Mesquita pela boca de Eduardo de Mello, se mesmo os chamados illustrados da epoca actual não comprehendem e escarnecem até do *crime da ideia* que a Egreja ensina aos fieis sob a rubrica de peccado de pensamento? Vivemos no materialismo mais dissecante e atroz.

Julio Dantas e Marcelino de Mesquita são porcelana fina de mais para o guarda-louça do largo do Hospital.

No entretanto não se pode dizer que Pato Moniz, Falcão, João Gil, e alguns outros, poucos, fossem margaridas lançadas a... porcos.

Nem todos os que vão hoje ao theatro vão só para mostrar o seu leque novo, a gravata moderno estylo, o decote do vestido, a pulseira do dia d'annos, o castão da bengala nova ou a pressão do espartilho.

O theatro deve ser uma escola de educação e arte.

E alguns ainda lá vão por educação e arte. Esses não queimaram o seu dinheiro nem perderam o seu tempo.

Luiz Novaes

No dia 12 do corrente fez exame de terceira classe no Lyceu D. Manoel II o menino Luizinho Novaes, dilecto filho do nosso amigo e correligionario, o sr. conselheiro José de Novaes.

Ao intelligente menino e sua familia os nossos sinceros parabens.

Exame

O menino Arthur dos Santos Pinho fez no dia 12 exame de 2.º grau ficando plenamente approvado. Vieram d'Espinho assistir ao exame os seus extremosos paes e nosso dedicado amigo Ex.mo Snr. Manuel Ferreira Santos Pinho e sua extremeda esposa a Ex.ma Snr.a D. Anna Amaral Santos Pinho.

D'aqui enviamos muitos parabens.

Exposição de trabalhos

Fomos ver no domingo a exposição dos trabalhos artisticos das educandas do collegio das Dorotêas, vulgarmente conhecido por Asylo, e viemos gratamente impressionados.

Na verdade a perfeição que revelam é tal que mal se acreditaria que estivessemos em face de bellos trabalhos devidos a principiantes e collegiaes se não fosse reconhecida a competencia profissional das distinctas professoras.

Entre os bordados a branco viam-se trabalhos bem lançados, de ponto difficil, duma grande perfeição, asseio e paciencia; outros a matiz alguns de grande merecimento artistico, verdadeiras aguarellas em que a agulha pode dizer-se disputa primazias ao pincel mais dextro.

Das paredes pendiam bellas oleographias e *estudos* a crayon, uns copias, outros do natural. Dentre esses *estudos* destacamos uma *marinha* e uma *paizagem ribeirinha* devidas ao lapis da menina Adozinda Soares, que apenas tem tres mezes de desenho. Estes dois quadros a nosso ver revelam na sua auctora com tão pouco tempo d'aprendizagem bellas qualidades artisticas.

Dignos de attenção e de admirar-se uma *cabeça de cão*, outra de cavallo e um bordado a matiz de D. Camelina Valente d'Almeida; um bordado branco e um almofadão de seda com uma linda pintura chineza fingindo matiz, uma cabeça d'estudo, um bébé e uma paizagem de D. Ignez Castro Lopes; um gato e uma scena *chantecler*, duas graciosas oleographias de D. Clotilde Castro Lopes; duas bellas oleographias de D. Helena Cardoso com assumptos de caça e pesca; de D. Rosa Silva um bellissimo panno de meza com desenhos a matiz; outro escuro de D. Palmira Carvalho, que tambem tinha em exposição oleographias d'uma execução segura e perfeita; uma linda cadeira estofada, em seda, com bellos desenhos d'um fino gosto artistico de D. Olivia Sobreira. Viam aos lados duas elegantes mezas cantoneiras com a superficie forrada de setim côr de rosa secca com lindissimos desenhos a matiz devidas uma a D. Camelina Valente d'Almeida e outra a D. Rosa Silva, e muitos outros trabalhos que se por um lado denunciam quão esmerada é a educação artistica que se ministra no Collegio das Dorotheas, revela tambem nas suas alumnas bellas aptidões bem dignas dum largo cuitivo.

Exame

Acaba de fazer exame do 1.º anno de contabilidade o alumno da escola Commercial do Porto Raul Doria, José Ferreira Brandão. Sinceros parabens.

BOLETIM ELEGANTE

Fazem annos no dia 21 o sr. Francisco Vieira Leite;

—No dia 22 a menina Maria José Marques;

—No dia 23 Etelvina Marques da Silva e Padre Manoel Lyrio.

—Regressou de Torre das Vargens o sr. Antonio Augusto Abreu.

—Abraçamos no domingo nesta villa o nosso presado amigo, distincto professor no Porto, sr. Francisco Antunes.

—Encontram-se na praia do Furadouro alguns alumnos e professores do acreditado collegio de Santa Maria, do Porto.

—Tambem já ali se acham os srs. Dias Simões, Dr. Amaral e familia, Gonçalo Ferreira Dias, Freire de Liz e familia, João da Cunha Batatel e familia, etc.

GRANDE HOTEL e CASINO de ESPINHO

Encontram-se no grande Hotel e Casino de Espinho os snrs.:

Manoel Maria d'Oliveira Lopes, D. Anna Sol dos Reis, D. Helena Sol dos Reis, conselheiro Manoel Carneiro Alves Pimenta, D. Maria da Conceição Pimenta, Joaquim Saraiva, Valentim Ferreira d'Almeida, D. Elisa Rodrigues, Joaquim Ferreira d'Almeida, D. Valentina Ferreira d'Almeida, D. Maria Rita d'Almeida, D. Maria Sampaio, José Rodrigues Fernandes, D. Eva Larangeira Fernandes, D. Thereza de Jesus Fernandes, José Soares das Neves, D. Maria Almerinda das Neves, Ladgero das Neves (intelligentissimo estudante de Coimbra), Fernando da Silva Mendes, D. Emilia Mendes, D. Antonio Gomes, Mario Franco Costoya, Pedro Quesado Marillas, Angel Ramiro, Francisco Celestino Pereira da Cunha Sotto Maior, Eduardo Guedes de Mello D. Maria Augusta Guedes Pinto e Mello, Dr. Jacintho Magalhães e familia, conselheiro Francisco M. Peixoto Vieira, Secretario geral do Estado da India; Vitantonio Picerno, (Ministro de Hespanha) Ambrosio Cáceres Muñoz, Antonio da Costa Junior, D. Maria Dias e Costa, Carlos Ferreira Pinto Basto, D. Maria Antonia Ferreira Pinto Basto, Dr. Augusto Telles Malafaya, Mr. Cabel Roope, Illidio Dias, Joaquim Gomes, Paulo d'Abreu-Machado, D. Bertha Correia Machado, etc.

O *Grande Hotel* e *Casino* de Espinho é o unico que nas praias de Portugal póde admittir individuos vindos das aguas do Gerez, por ser o unico que segue, para quem isso convier, o respectivo regimen dietetico.

Philosophia em grãos

Ha homens para nada, muitos para pouco, alguns para muito, nenhuns para tudo.

GRANDES ARMAZENS DA ESTAMPARIA DO BOLHÃO

Os maiores, os mais antigos, os que iniciaram o systhema de preço fixo, os que mais sortimento teem e os que mais barato vendem.

Sortimento completo de todos os artigos proprios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc., etc.

Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos GRANDES ARMAZENS que occupam uma área de 3·000 metros quadrados, n'um só pavimento

328, Rua de Fernandes Thomaz, 348 — Porto

GRANDE HOTEL E CASINO DE ESPINHO

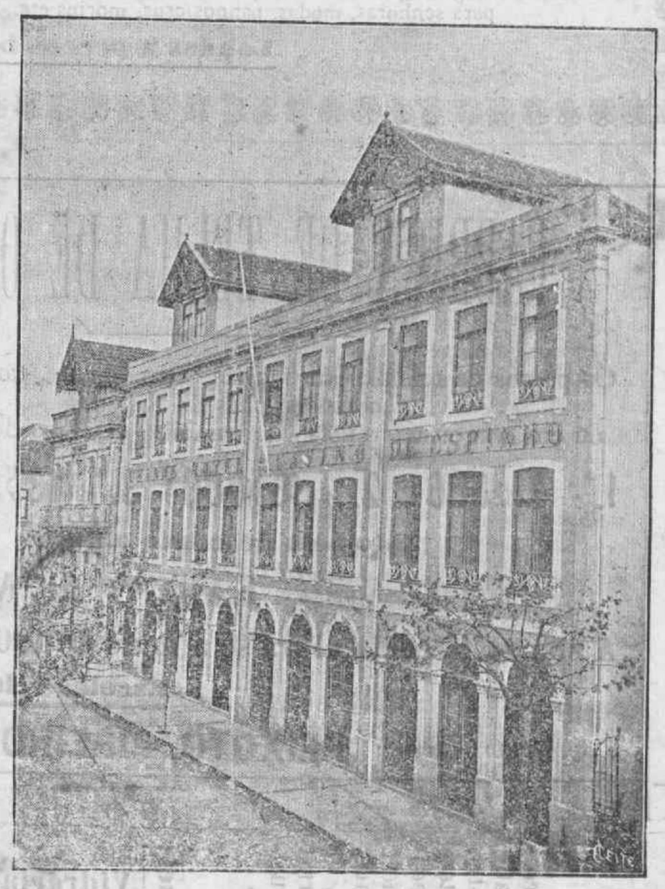
O unico hotel que nas praias de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gereziano

PARA TODAS AS INDICAÇÕES

No Gerez, **Hotel Ribeiro**

No Porto, **Hotel Bragança**

Entre-Paredes e **Bazar do Porto**, Santa Catherina, 16



Hotel de primeira ordem

Situado no melhor local **Aberto desde 1 de junho**

TODO O CONFORTO MODERNO

Correspondencia a RIBEIRO & IRMÃO — Telephone,

Endereço telegraphico, GRANDOTEL — ESPINHO

Dr. Jayme Lima

Retirou para o estrangeiro, em viagem de estudo e recreio, o snr. dr. Jayme Lima.

O nosso presado amigo vae, primeiro, a Londres, seguindo, depois, para a Escossia, onde conta demorar-se alguns dias, vindo sahir á Belgica visitar a exposição industrial de Bruxellas, regressando por Paris, onde se encontrará com seu irmão, snr. dr. Magalhães Lima, vendo outras cidades da França, e devendo ainda fazer uma estação nos Pyrineus.

Acompanha o nosso amigo seu extremoso filho, snr. Sebastião de Lemos Lima, que concluiu ha dias o 5.º anno do curso geral dos lyceus, e seu amigo Ex.mo snr. Eduardo Vieira.

O snr. dr. Jayme Lima conta estar de volta em Aveiro na primeira quinzena de setembro.

Que sejam muito felizes na viagem, sinceramente lhes desejamos.

---

leitura. Não sei bem ao certo quaes eram elles.

Estas leituras, dirigidas agora pela critica esclarecida e o são juizo do pobre velho, valeram immenso a Margarida, que, dentro em pouco, chegou a uma cultura intellectual, a que nunca tinha aspirado.

Por isso, na occasião de formar projectos, para se dignificar aos proprios olhos pelo trabalho, sorria-lhe principalmente a carreira do ensino. Ensinar era aprender, ensinar era amar; e estas duas necessidades d'aquelle espirito generoso, aprender e amar, se satisfaziam assim.

Cultivar intelligencias e cultivar affeições!... que futuro! A alma, no intimo apaixonada, de Margarida, exultava só com a idéa.

Restava obter o consentimento de Clara, e que tactica não seria necessaria para isso!?

—Clarinha—disse-lhe pois um dia Margarida—vou pedir-te um favor!

—E' possivel!—exclamou Clara, sinceramente admirada—E' esta a primeira vez que me pedes um favor, Guida. Repara bem.

—Tanto mais razão para m'o concederes, filha; não é verdade?

—Assim me pedisses mil, Guida, para todos te conceder tambem. Ora dize.

—Sabes? eu não me dou com esta vida de senhora, em que tu me tens. Que queres, minha filha? isto de trabalhar é habito que se ganha de pequena e se não perde mais...

—Mas, então?—disse Clara, pondo-se séria, como se suspeitasse vagamente o que a irmã lhe ia dizer.

—Queria que me deixasses trabalhar.

—Mas não trabalhas tu tanto, mais do que eu, Guida? Podia eu, sem ti, olhar por estas cousas de casa, de que não entendo, de que não quero entender? Só se queres vir lavar ao ribeiro commigo. Ora! Guida, estas mãos delgadas já não foram feitas para isso.

—O que dizes que eu tenho que fazer, Clarinha, não é trabalho que occupe muitas horas, como sabes. Resta-me ainda tanto tempo!... Olha que os dias são muito grandes.

—Mas que queres tu a final?

—Sabes?... uma coisa que eu desejava... uma cousa que me faria andar alegre até!... não desejas tu ver-me andar alegre? não me ralhas tu pelas minhas tristezas?

—Mas vamos a ver o que tu querias; o que é que te daria essas alegrias grandes? Alguma loucura grande tambem.

—Não é, não. Olha... se eu tivesse umas poucas de creanças para ensinar...

Clara não a deixou continuar.

—Tu, tu, minha irmã! ensinares tu os filhos dos outros?! Viveres de educar os filhos alheios!

—O' orgulhosa! então isso é alguma vergonha? Anda lá, que se o snr. reitor te ouvia...

—Mas que se diria de mim, Guida? Sempre tens cousas! Repara bem, que se diria de mim?

—Que és uma boa alma, Clarinha, tu que repartes commigo a tua casa, o teu...

—Guida!—exclamou Clara, interrompendo-a com um tom de reprehensão.

—E que se dirá de mim, se me não concederes o que te peço? o que se terá já dito?

—Que és muito boa em não me abandonares, em me dares conselhos, em me perdoares as minhas doudices.

—Mas não é tambem por o que dirão, que eu te peço isto, não; é porque o coração me leva a pedir-t'o.

—Guida, por amor de Deus! Perde essa idéa! E' uma desfeita que me fazes.

—Não é, minha filha, não é. Pois bem, pergunta-se ao snr. reitor, e se elle disser que...

Ora, o snr. reitor, sim! Basta ser pedido teu para elle o approvar.

—Estás sendo muito má—disse Margarida, afagando-a.

Depois de alguma lucta, foi resolvido consultar o parocho, ficando cada uma com a liberdade de pleitear a causa propria.

Clara tinha alguma razão em suspeitar da imparcialidade do juiz. O parocho, tutor das duas raparigas, costumára-se a admirar o bom senso e intelligencia superior de Margarida a ponto de confiar mais n'ella, do que em si mesmo.

Decidiu pois a demanda em favor da irmã mais velha, excitando contra si um amúo de Clara, que durou tres dias. Era extensão excepcional nos despeitos da boa rapariga; mas é que d'esta vez sempre se tratava de Margarida, e em taes assumptos Clara era intolerante.

Em resultado de tudo isto, passados dias, começou Margarida a sua tarefa de educação, á qual se entregava com amor. As creanças affluiam-lhe, attrahidas por aquella suavidade de maneiras, que constituia um dos mais fortes attractivos do caracter d'ella.

Esta phase mais bonançosa da existencia de Margarida já não conseguiu porém modificar-lhe o caracter pensativo e suavemente melancolico, que a infancia opprimida lhe fizera contrahir. Adquirira já o habito da tristeza e das lagrimas, e este, como todos os habitos, não se perde facilmente.

(Continúa).

HISTOGENO LLOPIS

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitaes da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Diabettes, Anemia, Neurasthenia e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE

O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

Precaver contra os productos similares **que na pratica teem d e mostrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.**

Peça-se sempre o Histogeno Llopis **Unico que cura Unico inalteravel**

Para a cura da DIABETES preparamos o *histogeno anti-diabetico*, **formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do** *Histogeno anti-diabetico.*

Formas do Histogeno Llopis **Histogeno liquido.—Histogeno granulado. Histogeno anti-diabetico.**

Preço do Histogeno Llopis **FRASCO GRANDE, 1$100 reis.—FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.**

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, *C. Mahona & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei,* 73-2.º—No Porto: *Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira,* 115.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70

PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos,
Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira,
ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21$000; 2.ª, 16$000; 3.ª, 13$500 RÉIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

ESPINGARDAS DE CAÇA

E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possivel encontrar uma unica espingarda egual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de *cartuchos de caça* e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorveteiras. etc., etc.

CASA LINO

40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS PARA FORRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sort do o deposito da Fabrca de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio. 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José Ferreira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 184

Villa Nova de Gaya—Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra.
Artigos de saneamento e decorativo.
Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS—Telephone, 279

Estabelecimento de Mercearia e Deposito de Garrafões

DE **MARQUES & ARAUJO**

LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45—Porto **Telephone, 616**

Uma visita á

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 e 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medalhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartonagem e photographia mod rna. Ampliações e reproducções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Vidraria S. Bento

DE

Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em crystaes, vidrarias differentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente
a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO
e MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar:
Viuva de Silva Cerveira.

MOREIRA, GUIMARÃES & C.ª

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A — Porto

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia

ATELIER DE MODISTA

Enviam-se amostras na volta do correio

José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - **PORTO**
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia.
MASSAS alimenticias.
CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

Forma de se ganhar com especialidade a singular

Indulgencia da Porciuncula

Concedida por Christo Senhor Nosso

E intercessão da Virgem Maria Sua Santissima Mãe ao serafico Patriarcha S. Francisco; e forma da visita para bem espiritual das almas com uma antifona e oração contra a peste
Preço, **50** reis. — Vende-se na typ. Fonseca e Filho, rua da Picaria, 74.

FOSFIODOGLICINA

De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fi gado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º
(Em frente ao coreto da Graciosa)
ESPINHO

TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72—Rua da Picaria, 74—PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um considerado melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

---

REGENERADOR LIBERAL

OVAR

ILL.mo SNR.

.....

.....